

O SENTIDO DA HISTÓRIA

Vivaldi Moreira

A História é, efetivamente, minha paixão. Mas, como todas as paixões, deve ser combatida – tal é o conselho dos Evangelhos, de Spinoza e de Pascal. Não me detive nela por medo do passado. O passado é para mim um fantasma, isto é, uma realidade tétrica, uma coisa trágica como um vingativo deus grego. E sinto o perpassar do tempo, escuto a voz das horas, com genuíno terror. O estudioso da História terá de permanecer em regime de cama e mesa com o passado, terá de fazer tábula rasa da existência em termos humanos, para viver em dimensões de séculos, de milênios. E a vida é tão curta. Observe-se como Toynbee trata os milênios com a maior indiferença, como se nossa existência, a existência de cada um de nós, fosse contemporânea do dinossauro e do pterodáctilo... É necessário, porém, ao historiador o tal “ponto de vista de Sirius” para poder observar a estupidez humana, a ambição célebre, e com isenção, fugir de compartilhar da mesquinhez que conduz 99% das ações dos chamados “grandes homens”. O mestre dos historiadores, o soleníssimo Tácito, legou-nos esta profunda lição: “Vespasiano deu-me honras; concedeu-mas também Tito e aumentou-as Domiciano. De acordo, Mas um historiador que se consagra à verdade, deve falar de cada um sem amor e sem ódio”. Somente condicionando nossa visão dos fatos e dos episódios àquele ponto de vista poderemos, como historiadores, contribuir para o aperfeiçoamento da grei humana. Em princípio, todo historiador é um educador. A função pedagógica da História é a única que se pode admitir. História como mestra, pelas lições do passado. Infelizmente, teremos de concluir com o cardeal de Retz, aquele sibilino espírito do século XVII, “que a História só serve para nos ensinar que não aprendemos nada”. Esse pessimismo, congênito a todo historiador de pulso, a começar por Santo Agostinho, é o melhor guia que podemos utilizar. E ainda esta manhã, folheando um belo livro sobre a influência britânica no Brasil, de Alan Manchester, pude vislumbrar, claramente, essa marca de seu privilegiado espírito.

Com efeito, a Inglaterra é um país do século XIX. Seus métodos coloniais falharam, como falha todo o colonialismo que se não baseia na compreensão mútua, no apreço pelo colono, no estudo da verdadeira empatia, de seus **folkways** e **mores**. Concebeu-se, erroneamente, até princípios deste século, que a colônia era um lugar de exploração. Exploração nos três sentidos do vocábulo: exploração científica, exploração de seus recursos naturais e exploração da boa-fé do colono tal como

fez também Portugal, como se sabe através das páginas insuspeitas e magníficas de Oliveira Martins. Temos visto neste século, apesar da bravura e galhardia do povo inglês, que sabe resistir e contemporizar — grandes virtudes de povos — que a velha Albion da imagem retórica e cediça, vem recolhendo as asas e sobrevivendo, unicamente, por aquelas qualidades geradas e nutridas na perseverança de suas elites dirigentes. Somente como obra de cultura compreende-se ainda a sobrevivência do povo inglês como povo líder. A inteligência cultivada através de séculos em suas universidades, consagradas sobretudo à formação dos líderes da nação, deve a Inglaterra o respeito que o mundo ainda mantém por suas instituições e a sabedoria com que seus estadistas vão suprimindo a força da Marinha de Sua Majestade pelos estatutos conferidos a cada nação colonial da Comunidade Britânica. Deve a Inglaterra às suas universidades, ao tipo de educação que ministram, os líderes da estatura de um Churchill, e seu maravilhoso serviço civil, escalonado em cada repartição pública e responsável pela marcha dos negócios do Estado.

O livro de Alan Manchester, “double” de historiador e pedagogo, de mais de quarenta anos, já conceitua claramente essa posição do Império Britânico, ao estudar-lhe o nascimento e declínio de sua influência em nosso País. Encerra proveitosa lição para as nações poderosas. De modo objetivo, sem eiva polêmica, expõe, metodizadamente, as causas do apogeu e declínio da nação inglesa num país semidesenvolvido, cuja economia de fundo primário, retardada pelo colonialismo português de Pombal, até hoje se debate no pauperismo e suas múltiplas conseqüências.

Por dádiva da Providência, a nação americana foi maravilhosamente aquinhoadada na repartição das riquezas da terra. Ali, o carvão e o ferro — demiurgos da civilização ocidental — estão lado a lado. Veio, depois, o petróleo e completou a tríade esplêndida que proporcionou a grandeza material da nação ianque. Entrou o país com decisão — dadas as primorosas qualidades de seu povo em energia, capacidade, dinamismo e generosidade — na vanguarda da revolução industrial. Percorreu com rapidez — como nos ensina Lewis Mumford — as três etapas iniciais da técnica: a era eotécnica, a paleotécnica e a neotécnica, penetrando numa quarta era, cuja sorte pende das mãos de seus estadistas. Desde 1945, os Estados Unidos estão em plena era atômica. Ofereceram ao mundo um elemento desconhecido: o **comfort**. O homem se libertou tanto das tarefas mesquinhas como das grandiosas e se liberta cada vez mais por intermédio dos instrumentos e manufaturas do engenho técnico. Todo

esse mundo mágico, tão prodigioso como a lâmpada de Aladim, está aí à nossa disposição. O mundo pede e espera dos Estados Unidos algo mais que instrumentos e Democracia. Está pedindo liderança na medida dos instrumentos que inventou para facilitar a vida. Estes objetos manufaturados e exportados em grande escala estão agora pedindo alma, pedindo uma parcela de espiritualidade. Os povos que os recebem se dirigem à pátria de Lincoln e de Jefferson, mais do que à pátria de Hamilton. Solicitam compreensão, que é a pedra angular da liderança. A posição do país é singular no concerto histórico. Ele não reclama a liderança nem a conquista pela força em parte alguma. Ela lhe está sendo oferecida sem solicitação ou ameaças, em virtude das qualidades positivas do povo americano. Daí a maior soma de responsabilidades. A **pax romana**, como vimos em Tácito, foi uma paz por esgotamento. O mundo pede agora uma paz criadora, isto é, filha da cultura.

Livros como os de Capistrano, Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Buarque de Holanda dão a chave de nosso coração. De fato, somos os homens cordiais, como já foi afirmado. Em Capistrano de Abreu — aquele urso polar — admiramos o poder de síntese de seu estilo. Dizia Calógeras que em quatro linhas de Capistrano havia duzentas páginas de investigação e análise. Em Oliveira Viana, conhecemo-nos através de um prosador límpido, capaz de resumir nosso passado colonial de forma a dar-lhe imagem perfeita do que fomos. Em Gilberto Freyre, vemos outro retrato de nossa formação, um tanto deformado pelo gosto do estilo singular, original, personalíssimo, mas que não prima pela correção e nem sempre retrata o essencial pelo amor ao pitoresco. São autores capazes de ombrear, pela competência, com o admirável Frederick Jackson Turner, cujo estudo sobre a influência da fronteira na história americana está reclamando ensaio paralelo entre nós. Pátria que produziu críticos de seu passado tão objetivos, lúcidos e imparciais situa-se em nível cultural de nação adulta. Ainda que não gozemos do privilégio das grandes universidades americanas — fruto conjugado do espírito e da potência material do povo — vamos suprindo essa lamentável deficiência através de estafante autodidatismo, que prejudica os melhores talentos. Nosso país está vivendo ainda a fase do **desafio** e não a da **resposta**, como classifica Toynbee a marcha da civilização. Daí, as insurreições espirituais que brotam de vez em quando por aqui, mas que só traduzem vitalidade. O brasileiro está exatamente naquela atitude do estóico grego Cleanto, que orava a Zeus, rogando forças para trilhar, sem desfalecimento, o caminho do Destino, “porque — diz ele — se perdesse a coragem e revoltasse, teria que trilhá-lo do mesmo modo...”